

Economia e vedetismo

João Paulo de Almeida Magalhães

Difícilmente pode haver dúvida de que, entre as ciências cultivadas no Brasil, a Economia é aquela que apresenta especialistas de melhor nível. Nenhuma outra, em verdade, registra número igual de profissionais com graus de pós-graduação obtidos em grandes universidades estrangeiras. O problema é que justamente esse fato, em princípio altamente positivo, vem determinando, paradoxalmente, o corolário negativo do vedetismo.

As causas dessa distorção são facilmente identificáveis. Um PhD brasileiro da Harvard ou MIT que permanecesse nos Estados Unidos estaria condenado a longa e trabalhosa carreira, no curso da qual iria verificar se tem realmente qualidades excepcionais ou se deverá permanecer no limbo da substancial mediocridade a que se vêem relegados, naquele país, 95% dos portadores de idêntico diploma.

Chegado ao Brasil vê-se (ou sente-se), todavia, guindado ao primeiro nível de seu grupo profissional. Essa súbita promoção, obtida sem os testes de uma bem-sucedida atividade profissional ou de trabalhos acadêmicos comprovadamente de alto valor, leva ao tipo de mentalidade geradora do vedetismo. Inseguro dos seus méritos, o nosso PhD procura demonstrá-los através da contestação de qualquer proposta de política econômica que obtenha certa repercussão pública. Para maximizar esse resultado, ignora os 90% dos mesmos que estão corretos, concentrando suas críticas nos 10% passíveis de divergência. Esse tipo de enfoque é, sem dúvida, defensável em publicações técnicas porque *supostamente* os leitores se acham inteirados que se trata de discordância em torno de detalhes. Quando, todavia, adotado em jornais ou outros órgãos orientados para o grande público, seu resultado é, pelo menos, lamentável.

Exemplo desse tipo de comportamento vamos encontrar nos debates recentes em torno do Plano Real proposto por Francisco Lopes. Não há dúvida que os resultados visados pelo plano podiam ser obtidos por vias alternativas, e que alguns dos pressupostos políticos e

jurídicos nele contidos talvez não fossem realistas. Admitidas, no entanto, as premissas do autor (e destas as mais duvidosas não eram de tipo econômico e, portanto, fora da competência de economistas), estávamos diante de programa perfeitamente capaz de liquidar com a inflação brasileira. A impressão do grande público, que acompanhou o debate pelos jornais, foi, contrariamente, de que se tratava de uma completa e irrecuperável bobagem.

A primeira e mais grave consequência do vedetismo é de que dá ao leigo, e mais especificamente ao estamento político, a impressão de que problemas como o controle da inflação e a retomada do desenvolvimento são de uma terrível complexidade. Daí, para a conclusão de que o país é inviável, vai apenas um passo. E o certo é, contrariamente, que o Brasil em termos econômicos é eminentemente viável.

A segunda consequência é que cria a impressão de existirem fórmulas mágicas (a serem reveladas por um economista genial) para eliminar nossas dificuldades. A verdade pura e simples é, todavia, que medidas aconselháveis se acham adequadamente descritas em qualquer bom livro de texto de Economia.

A terceira e última consequência do vedetismo se prende ao fato de que certo número (e possivelmente a maioria) dos economistas brasileiros de primeiro nível relutam em participar em debates jornalísticos. O vedetismo é pois excludente de contribuições potencialmente de grande valor.

Em suma: o deputado Rebouças em vez de projetos como o do Plano Real deveria patrocinar legislação que (a) obrigasse os economistas escrevendo na grande imprensa a informarem o que está certo nos trabalhos criticados antes de os estralarem com suas objeções e (b) forçasse a serem ouvidos, pela grande imprensa, a maioria silenciosa dos economistas brasileiros de primeiro nível.